

Gentileza e Argúcia: Ana Maria Lima Daou

Kindness and Wit: Ana Maria Lima Daou

Antonio Carlos de Souza Limaⁱ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Quando Rafael Winter Ribeiro me convidou a escrever este pequeno texto em homenagem à amiga querida Ana Maria Lima Daou, minha primeira reação foi ponderar que eu não era a melhor pessoa para fazer isso, ao menos como uma voz do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-Museu Nacional/UFRJ, onde Ana e eu fizemos ambos o mestrado e o doutorado, tendo compartilhado João Pacheco de Oliveira como orientador (no mestrado no meu caso e no doutorado no dela). Não trabalhei diretamente com Ana (como Ana Luiza Borralho Martins Costa, ou Aurelio Vianna Jr.), não era parte do círculo mais íntimo de amigos que estiveram sempre presentes em sua vida e trajetória, como Sergio Luís Carrara, através de quem nos aproximamos, ou Luiz Fernando Dias Duarte, Fernanda Bicalho, Lygia Segalla e muitas outras pessoas, mais por meu temperamento propenso a uma sociabilidade bissexta do que por qualquer outra razão. Rafael, que me foi apresentado por Ana, e que após ser aluno em curso de graduação que ministrei, se tornou meu assistente de pesquisa e, sobretudo, amigo querido, ponderou que a relação que buscava passava exatamente pela Geografia e pela entrada de Ana Daou no Departamento do IGEO/UFRJ.

De fato, fui um incentivador entusiasmado de sua inscrição para o concurso de Geografia Humana. Isso tinha razão de ser. Sendo a Geografia a primeira formação de Ana Daou na graduação da PUC-RJ em 1977, e apesar da tendência da formação pós-graduada em Antropologia Social de sobrescrever as formações anteriores, as preocupações de Ana sempre entrecruzaram as fronteiras das duas disciplinas (em especial pela fronteira da dimensão humana). Além do interesse pela aproximação entre Geografia e Antropologia que a mim também sempre interessou, um outro elo de que muito falamos nos vinculava: a Amazônia, mas em especial a Manaus da “Belle Époque” amazônica. Sendo eu de ascendência materna manauara, e de uma família da “elite” falida do *boom* da borracha, as conversas sobre o que viria a ser depois sua tese de doutorado sempre foram muitas. Compartilhávamos, ainda, a percepção da importância das abordagens sociogenéticas para questões muitas vezes recortadas sincronicamente tanto pela produção geográfica quanto pela antropológica.

A cidade, o teatro e o “paiz das seringueiras”: práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX (Rio de Janeiro: Rio Book’s, 2014) é um trabalho precioso para todos os interessados na Amazônia, nas cidades brasileiras, em suas elites (além de mil outros temas mais ali embutidos) e suas formas de ver e viver os espaços que habitam, e ao mesmo tempo de desconhecer e apagar todos os setores

ⁱ Prof. Titular de Etnologia do Museu Nacional (MN-UFRJ).

sociais que não os que giram em torno delas mesmas. O livro demonstra o fôlego de uma pesquisadora que, uma vez na universidade, se devotou com ardor à docência na graduação (o número dos trabalhos de conclusão de cursos que orientou o demonstram) e na pós-graduação, bem como à vida institucional. Seu *curriculum lattes* atesta, afinal, as inúmeras vezes em que ocupou funções de gestão acadêmica: Ana Daou acreditava na necessidade incessante de se construir as condições institucionais que tornam nosso trabalho possível, sabia, sem vaidades, de nossa precariedade. Colegas com este perfil são raras e raros, sabemos bem aqueles que assumimos tais posições.

Em cursos para outras graduações, como os que ministrou no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, mostrava e fazia ver sua percepção arguta de fenômenos sociais complexos, muitas vezes segmentados por disciplinas em disputa pela prevalência de suas perspectivas, em luta por afirmações identitárias. Em outros trabalhos, como em “Tipos e Aspectos do Brasil: imagem e imagens do Brasil através da iconografia de Percy Lau” (In: Corrêa, Roberto e Rosendhal, Zeny (Orgs.). *Paisagem, imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2001, p. 135-162), está documentado este encontro de perspectivas, e a sua sensibilidade para a percepção da história das disciplinas das Humanidades. Não tento aqui fazer um inventário de suas frentes de trabalho, que incluíram também o estudo dos campesinatos, em especial dos atingidos por grandes obras de construção de usinas hidrelétricas. Acho, porém, importante frisar que a argúcia foi sempre uma de suas marcas na percepção da abrangência de questões muitas vezes deixadas de lado por abordagens mais frequentes dos temas com que se defrontou.

Em tudo que fazia, da formação de estudantes à atuação institucional, da pesquisa sobre a Amazônia (esta realidade onde as cidades são fundamentais ainda que por longo tempo tenham sido pouco pensadas) e sobre a história de nossas disciplinas (na confluência do que se chamou um dia de *antropogeografia*) Ana Daou imprimiu com sua presença e modo de agir um toque de gentileza e suavidade. E com isso não quero falar de tibieza ou superficialidade. Muito pelo contrário, capaz de falar de forma amável verdades duras e incisivas. Por isso mesmo, pela franqueza amável, era ainda mais estimada, por aqueles que eram suas e seus (muitas e muitos) amigas e amigos, alguns e algumas do Tai-Chi, outras e outros da observação de aves e de muitos outros interesses e redes de afeto. Aqueles e aquelas que com ela estudaram, e para os quais abriu janelas, portas, caminhos e estradas, terão decerto ainda muito mais a dizer quanto a alguém que transitava entre campos científicos e instituições, redes e grupos ao mesmo tempo com leveza, densidade e singularidade.